A ÁGUIA E A SOLIDÃO

Emily levava uma vida tranquila num bairro pobre com sua mãe, trabalhava como caixa de supermercado e tinha um relacionamento sem compromisso com Fernando, de quem desconhecia os mais verdadeiros sentimentos.

Com a perda da mãe e o sumiço de Fernando, um convite para uma viagem de cruzeiro e a amizade com um senhor transformaram sua vida surpreendentemente.

Seus fantasmas criaram vida e as incertezas abraçaram o seu ser como um cobertor numa noite fria, e, como uma águia, precisou se reinventar e buscar forças para enfrentar os inesperados acontecimentos.

Nesse romance intrigante, poderia Emily voltar a sorrir ou ser

feliz nos braços de Fernando? Quem sabe ...

T

a

l

v

e

z

!

S

e

r

á

?

A águia e a solidão.

0 vento frio do quarto fazia Emily se encolher debaixo do edredom, a escuridão não a deixava ver a fisionomia do rosto de Fernando que estava deitado de barriga para cima com raiva.

Já passava das duas horas da madrugada e fazia quase duas horas e meia que haviam se deitado; ele ficou esperando Emily começar e ela ficou esperando que ele a procurasse. Já havia mais de dez dias que não se encontravam, seria natural que arrancassem as roupas na sala mesmo, como sempre faziam, mas pareciam um casal depois de vinte anos de casados, onde muitas vezes ambos querem, mas jogam a responsabilidade um para o outro, numa completa demonstração de imaturidade.

Fernando estava deitado de cueca box preta sem camisa, seus cabelos loiros e compridos se espalhavam no travesseiro. Emily estava vestida com uma calcinha vermelha de laço branco na frente e uma camiseta também branca totalmente transparente, deitada esperava ser possuída, se envolver no corpo dele e se perder no prazer incondicional que ele lhe proporcionava, mas só não queria tomar a iniciativa, apesar de querer muito, pois sentia seu corpo queimando por prazer, precisava de estímulo. Os homens não entendem as mulheres, caramba! ... ela estava deitada, praticamente nua, o que mais ele queria, pensou ela já

furiosa com a situação.

Por um momento achou que ele havia dormido, seria o fim! Pensou em se levantar, vestir -se e ir embora para a sua casa, mas logo desistiu, estava muito tarde e a viagem era longa e cansativa. Além do mais, precisava fazer amor, não era um prazer qualquer, nem mesmo um luxo, mas a necessidade de um corpo que queimava de desejo.

Os minutos iam passando, isso agravava mais o seu desespero, pois, a hora dela se levantar se aproximava, levantava-se às 6h e tinha menos de cinco horas para dormir - estava furiosa com aquele homem que não a beijava, não a abraçava, não fazia um carinho que fosse. Droga! me pega de jeito seu palhaço, pensou ela sorrindo, vendo-o se levantar-se e ir até o banheiro. Em poucos segundos ele retornou. Agora ele vem, pensou, para logo se decepcionar, mesmo com seu olhar refletindo desejo, ele se deitou e virou de costas.

A situação era tão idiota, duas pessoas praticamente nuas numa cama, querendo transar, mas nenhum dos dois procurava seu parceiro, por desaforo, orgulho ou talvez até mesmo desconfiança.

Por fim Emily desistiu, resolveu ajeitar a coberta e o travesseiro e se virou. - Isso mesmo faz muita gracinha, amanhã arrumo alguém que queira me estimular, ligar o botão da puta na cama, aí meu querido matarei meus desejos mais perversos, pensou ela respirando fundo, mas logo seus pensamentos foram interrompidos, sentiu o corpo dele se aproximar do seu, o braço dele envolver sua cintura, enquanto a mão procurava seus seios, seu sexo, as curvas do seu corpo, logo suas bocas se encontraram, o sexo dele ereto, do jeito que ela gostava ... agora sim, só foi pensar em outro que ele se moveu, achando que teria a noite toda para satisfazer a perseguida, homens ... aff!

Retribuía os carinhos, as mãos dela também percorriam o corpo dele, suas respirações foram ficando mais ofegantes e as batidas do coração mais aceleradas, isso era o que ela precisava, me procure, me estimule, me deseje, me excite, e serei sua vadia na cama, pensou ela enquanto ele beijava o seu corpo. Depois de duas horas esperando, finalmente ele entendeu, que, mesmo as

mulheres querendo, precisam de estímulo. E, assim, se amaram sem edredom, pois, o calor dos seus corpos aquecia um ao outro mesmo na noite fria que se fazia presente.

Logo depois de fazerem amor, Fernando olhou nos olhos dela dizendo - boa noite, eu te amo! para logo se virar e dormir, e ela demorou mais um bom tempo para relaxar e conseguir dormir também. Homens relaxam, mulheres ficam ligadas, e isso era ruim, mas, seu corpo feliz embora não tão satisfeito... poderia fazer amor a noite toda, mas, a rotina exaustiva de um dia de trabalho não lhe permitia e se aproximava a cada minuto, depois de uma demora que parecia ser infinita entregou-se num sono profundo.

Emily acordou com o despertador berrando na sua cabeça, a vontade que teve era de arremessá-lo na parede e depois jogá-lo dentro do vaso, assim nunca mais ele a incomodaria. Não tinha certeza da hora que foi dormir, mas sabia que era possível tirar um caminhão de areia de seus olhos. Ainda tinha vinte minutos, que era a lei dos dez minutos, você apertar e dormir mais dez minutos, aí então despertar, em seguida você apertar mais dez minutos, mas naquela manhã não ousaria tentar a lei dos dez, seria uma tragédia, tinha certeza de que não acordaria. Olhou para o lado, Fernando dormia nu descoberto, ficou ali apreciando aquele belo homem com seu um metro e setenta, magro, cabelos loiros e compridos, olhos grandes e pretos, um típico surfista, ele é maravilhoso, um achado perdido numa cidade grande, pensou, sorrindo dos seus próprios pensamentos, ficou na dúvida se cobria o corpo dele ou se ficava ali apreciando enquanto se arrumava, poderia se perder, já que o desejo permanecia em seus pensamentos; ficou com a primeira opção, talvez não a que ela realmente queria, mas com certeza a mais sensata.

FERNANDO

Fernando era fotógrafo, tinha vinte e cinco anos e morava sozinho. Seus pais queriam que ele cursasse advocacia para seguir os passos do pai e do avô, mas ele não queria, sempre gostou de ser livre, ficar preso num escritório, não, aquilo não o satisfaria, a rotina era um crime para a raça humana – pensava - se trancar num escritório o dia todo, resolvendo problemas dos outros, era uma coisa que não via com bons olhos.

Várias discussões se fizeram presentes, e estavam se tornando cada vez mais frequentes, ao ponto de se tornarem diárias. Sr. Rodolfo, um homem alto, pele clara, cabelos loiros e curtos, com um olhar penetrante, de uma certa forma chegava até a ser assustador para quem não o conhecia; uma de suas fortes características um gênio forte, não media palavras, mesmo que machucassem quem quer que fosse, tudo tinha que ser do seu jeito, pois, acreditava que o seu jeito era o jeito certo de fazer as coisas, para ele tudo era muito simples, desde que fosse do jeito dele.

Dona Esmeralda, mãe de Fernando, às vezes se assustava com Rodolfo, isso fez com que ela perdesse um pouco da sua personalidade, tentava evitar ao máximo entrar em conflitos com o marido, a maioria das vezes que tentou expor sua opinião, perdeu a batalha, “seu” Rodolfo era uma pessoa forte nas palavras, a facilidade que tinha para persuadir as pessoas era um dos seus dons. Mas, em relação à opinião do marido sobre o filho, ela concordava em número, gênero e grau, não queria o filho sem uma profissão decente, não o criou para se tornar um delinquente qualquer, abrira mão de muitas coisas para se dedicar exclusivamente à educação dele e, agora, ele retribuir dessa forma? era um grande ingrato, pensava ela.

Numa tarde de um calor infernal, onde os termômetros marcavam quarenta e seis graus, seu Rodolfo em seu carro torrava os miolos, o ar condicionado do carro havia estragado havia dois dias, mas os dias frescos o fizeram adiar o conserto e o calor o surpreendeu, o rádio estava sintonizado na sua estação favorita e tocava um rock metálico, o trânsito estava um caos, carros e mais carros disputavam cada espaço, e parece que o calor fez todos terem a mesma ideia, saírem mais cedo do serviço. Olhou para o lado, duas garotinhas morenas se deliciavam com seus picolés, enquanto uma moça sentada ao volante dividia sua atenção entre a direção e o retrovisor olhando as crianças. Ele olhou para o banco de trás do seu carro e imaginou duas crianças tomando sorvete nele, o estrago que poderia causar. A buzina do carro de trás o fez olhar para frente, sim o sinal estava verde, e como muitos motoristas o estresse era evidente e cada minuto era essencial.

Diante da sua casa, apertou o controle e lentamente o portão foi subindo. Com a ponta dos dedos batia no painel do carro, já se imaginado sentado no sofá e tomando um uísque, o dia havia sido estressante e cansativo, tinha que colocar na lista de afazeres a cumprir chamar o serralheiro para dar uma olhada no portão, talvez apenas uma graxa resolveria, mas naquela casa tudo era ele que tinha que resolver, além de trazer o sustento para a mesma. Estacionou o carro e subiu os cincos degraus que davam na enorme sala. Passou a mão na testa, o suor escorria, tirou a camisa de brim azul e enxugou o rosto, tirou os sapatos junto das meias e arremessou no canto, foi até o frigobar e pegou gelo colocando no copo e jogando o uísque por cima, sentou-se no sofá, puxou uma poltrona e colocou as pernas sobre ela. Agora sim,

estava satisfatório, o ar condicionado, o uísque, a tranquilidade, a paz, além de tudo o silêncio, silêncio que não demorou muito, pois logo foi quebrado.

- Olá querido, como foi o seu dia?

¨[silêncio]

Poderia dizer a verdade e começar a falar e expressar em palavrões o dia frustrante que teve, só problemas com clientes, funcionários dando atestado, o trânsito um caos, esse monte de carro velho na rua, esses pobres sem condições algumas, mas com o status em alta, mas se resumiu em dizer: - tudo normal.

Viu que ela vestia uma saia branca e uma camiseta azul curta. Apesar da idade, Esmeralda se mantinha muito bonita, tinha seus encantos, era alta, rosto fino, boca pequena, com olhos pretos, seus cabelos eram curtos e de luzes, odiava cabelo grande, seu corpo malhado e definido foram de anos de ginástica, agora no momento fazia pilates e ioga, sua voz era doce e suave, evitava o máximo entrar em conflito com Rodolfo, mas quando queria uma coisa, não tinha jeito, apesar de ser raro essas vontades. Viu ela tirar as sandálias e se sentar ao lado dele, pegando o controle e ligando a televisão, passava um programa de jornalismo, o repórter fazia um enorme esforço para dar a informação do trânsito, ao mesmo tempo em que lutava para não demonstrar o incômodo que sentia com o calor, numa camisa social amarela, sua testa pingava, lembrou-se do ar condicionado do carro que precisava arrumar, deu uma golada no uísque, e ficou balançando o copo enquanto o gelos se movimentavam.

- Está muito abafado, não é querido?

- Sim está, os termômetros estavam marcando quarenta e seis graus.

- Não sei como pode, ontem assisti ao noticiário e disseram que a previsão era de chuva.

- Nunca acreditei nessas previsões, falou ele dando mais uma golada no uísque, vendo-a apertar o botão do controle remoto, com suas unhas grandes e pintadas de marrom tendo no dedo anelar desenhado uma rosa, e mudar o canal, sintonizando agora um programa de culinária.

- Não se esqueça, amanhã temos o jantar beneficente da Ilda.

- Não consigo entender, já ajudamos com o patrocínio, por que temos que marcar presença? falou ele olhando para o seu valioso quadro, A NOITE ESTRELADA pintado por Vincent Van Gogh.

- É importante, as pessoas mais influentes estarão lá, além do mais será importante para a visibilidade do escritório.

-Tem razão - falou ele sem vontade alguma.

- Dê-me o seu copo, vou pegar outra dose de uísque para você.

- Obrigado, onde está Fernando?

- No quarto dele.

- O que ele disse sobre retornar a faculdade?

- Disse que ia pensar, e depois me falaria.

- Ele sempre diz isso, achando que vamos esquecer, mas darei um ultimato a ele, vá chamá-lo.

Esmeralda jogou o uísque no copo colocando duas pedras de gelo, já imaginando que mais uma discussão se aproximava, mas seu marido tinha razão, não podiam mais aceitar o jeito displicente de Fernando, apoiaria seu marido sem sombra de dúvida até o final. Entregou o copo a ele e saiu em direção ao quarto de Fernando, que deitado na cama mexia no seu notebook.

- Fernando?

- Sim, mamãe.

- Seu pai quer falar com você.

- Diga a ele que daqui a pouco eu vou.

- Por favor, não demore, você sabe seu pai não gosta de esperar.

- Sim, pode deixar.

Fernando separava algumas fotografias, estava pensando em fazer uma exposição, passou noites nas ruas fotografando moradores de rua, sentia um prazer enorme, e tinha esperança de que aquela visibilidade poderia fazer um bem para a comunidade, as pessoas poderiam se solidarizar com a situação e ajudar mais as pessoas em situação de vulnerabilidade.

Levantou-se e calçou seu par de chinelo laranja, não gostava

dele, mas como havia sido presente de sua mãe, sentia-se na obrigação de usá-lo, ai dele se ousasse dizer que não gostou e não usasse, poderia render umas beeeelas discussões ... era mais fácil usar.

Viu o seu pai sentado no sofá, sem camisa, descalço. Chegava a ser engraçado vê-lo daquela forma, o grande advogado assim, todo tranquilo, riu dos seus próprios pensamentos.

- Boa tarde, falou ele, sentando-se no sofá em

frente, sob o olhar atento do seu pai. [silêncio]

- Sua mãe me disse que conversou com você a respeito da faculdade.

- Sim, estou pensando a respeito.

- Você não tem mais tempo para pensar, quero que você resolva isso amanhã.

- Olha papai, preciso de tempo.

- Tempo? - Gritou ele. Como tempo? estamos esperando uma decisão sua para já.

- É isso mesmo meu filho, falou Esmeralda chegando na
sala, com um copo de limonada na mão.

Fernando percebeu que havia um complô contra ele. Na verdade, toda vez que tocavam naquele assunto ele dava um jeito de desviar o foco, não queria ficar sendo pressionado, além do mais por uma profissão que não enchia seus olhos. Olhou para a sua mãe, que o olhava concentrada. Por um momento pensou que ela queria invadir seus pensamentos e mudar a sua opinião. Seu pai o olhava como um animal, parecia esperar um movimento da presa para dilacerar sua carne.

- Pois, saiba Fernando, que o seu tempo acabou, ou você se matricula amanhã numa faculdade qualquer ou quero que pegue suas coisas e suma daqui.

Fernando ficou em silêncio por alguns segundos, segundos que se tornaram minutos, o silêncio só não foi maior por causa do ponteiro do relógio com o seu tic tac.

Não foi surpresa escutar tais palavras, mas na verdade, de uma certa forma, demorou a assimilá- las. Olhou novamente para a sua mãe, percebeu que brotavam lágrimas dos seus olhos, olhava- o com um carinho maternal diferente, esperando ansiosa que das duas opções ele escolhesse a primeira. Mas para desespero dela, ele se levantou e seguiu para o seu quarto. Aquele gesto, significaria que ele havia escolhido a segunda opção, tão jovem, tão tolo! Por que os filhos não seguem os conselhos daqueles que lhe deram vida e que só querem o melhor para eles? Tolos, ingratos e completamente imaturos.

Fernando não deu o braço a torcer, não poderiam fazer aquilo, pressioná-lo como se ele fosse uma criança, tinham que respeitar sua decisão, sua escolha, seu ponto de vista, ser advogado não enchia seus olhos, não iria ser tornar um para fazer inteiramente a felicidade deles, enquanto a sua descia

ladeira abaixo. Seguiu para o seu quarto abriu o armário e pegou algumas peças de roupa, seus pensamentos se confrontavam, estaria ele fazendo o certo, lutar por uma liberdade sem garantia de que seria feliz? Pegou carinhosamente sua máquina de retrato e a guardou no armário, não poderia levá-la sem ter um lugar seguro para guardá-la. Portanto, não era uma despedida era apenas um até logo, passou os olhos pelo seu quarto, e se segurou firmemente para não chorar, entre incertezas que abraçavam firmemente sua alma, pegou uma pequena reserva de dinheiro e fechou a porta, talvez um dia voltaria para buscar o restante ou voltaria para as garras do seus pais. Passou pela sala, sua mãe chorava copiosamente, esperando que ele revisse sua insensata decisão, seu pai olhava concentrado para o seu quadro valioso pintando por Vincent Van Gogh, pelo qual pagara um alto preço. Que obra de arte! o leilão foi acirrado, tinha até um xeique árabe, mas que, para a sua felicidade, não se interessou em ficar com A NOITE ESTRELADA. Gastou um bom dinheiro, mas ter aquele quadro ali era prazeroso demais para Rodolfo, que tinha feito até seguro, uma fortuna pendurada numa parede, apreciada por talvez duas pessoas. Viu Fernando com a mochila nas costas, ignorou completamente como se nada estivesse acontecendo. Se não quer aprender no amor, aprende na dor! Fernando saiu batendo a porta sem olhar para trás, seguiu para um destino incerto, mas tinha muita esperança de que tudo mudaria, sua vontade precisava ser respeitada e faria eles aceitarem a sua escolha, que para eles podia parecer completamente tola, mas para ele era essencial para ser feliz. E, quando percebessem a loucura que estavam fazendo, iriam atrás dele, não era um rebelde sem causa, só queria que sua decisão não só fosse aceita, mas também respeitada.

Fernando vagou por algumas horas completamente perdido, poderia ligar para qualquer amigo e pedir abrigo, mas seu orgulho era maior, não queria escutar sermão de que o que ele estava fazendo era tolice, os pais de seus amigos jamais dariam abrigo a ele. Se quer posar de rebelde que arque com as consequências, é o que pensariam, com certeza. Viu a noite chegar acompanhada do frio, as ruas começaram a ficar desertas e a sua solidão só aumentava, uma semana atrás estava ele ali do outro lado ajudando e tirando foto, agora estava ele na situação de vulnerabilidade, com fome e com frio, a vida é muito irônica! ... riu da sua própria desgraça.

Sentou-se num banco de uma praça, um casal de namorados aproveitava a noite fria em outro banco, e quando o viram, seus olhos mostraram uma enorme decepção, foi só o momento de se recomporem e irem embora atrás de um lugar deserto, para fugirem dos olhos alheios e continuarem se pegando.

Fernando colocou a mochila no banco e deitou colocando a cabeça sobre ela, serviria não só como travesseiro, como também evitaria roubo, pensou ajeitando o corpo no banco duro e gelado, tinha a plena convicção de que seria uma noite difícil. No fundo, esperava que a sua mãe aparecesse de carro e fosse buscá-lo, arrependida por apoiar decisão tão absurda! Mas a cada minuto da noite adentro suas esperanças iam desaparecendo. Chegou a dar algumas cochiladas, seus pensamentos se confrontavam, a razão dizia que devia se arrepender e voltar, mas seu coração aventureiro e livre dizia que sem rebeldia não se consegue liberdade e sem liberdade não se pode ser feliz.

A chama da esperança aquecia seu coração, tinha certeza de que no outro dia tudo se resolveria, arrumaria um emprego, algum

lugar para morar e poderia seguir a sua vida, não seria o primeiro nem o último filho lutando por direitos, mas estava enganado, as coisas só pioraram para ele. Depois de uma noite de frio ao relento, levantou-se, a sensação que tinha era de que um trator havia passado por cima dele, sentia dor no corpo todo, e, ao invés de uma mesa farta de café da manhã, tudo o que possuía era apenas algumas moedas, que ficaram no bolso, sua mochila havia sumido junto com o restante do dinheiro que tinha. Apesar de imaginar que essa situação era possível, não imaginou que aconteceria com ele, riu de sua própria desgraça, mas por pouco tempo, pensou confiante nas oportunidades que teria. Mas estava enganado, todas as portas se fecharam, emprego, moradia, até mesmo a ajuda, que a princípio imaginou que teria, para surpresa e ao mesmo tempo decepção, não teve. Parecia que vivia numa cidade fantasma, passou dias perambulando pelas ruas, todos viravam a rosto, entre praças e pontes passava seus dias, tinha consciência de que poderia acabar com seu sofrimento, era só fazer a vontade de seus pais e voltar para casa acompanhado de um pedido de desculpas, mas seu orgulho estava ferido, aquilo jamais iria fazer.

A fome o devorava assustadoramente, sentia-se sujo e cheirava mal e percebeu que sua dignidade só ia diminuindo, foi rotulado como vagabundo e drogado e era normal, ao estar sentado ou até mesmo deitado dormindo, ser acordado por um cassetete de um policial, as pessoas que vivem nas ruas, apesar dos seus vícios e neuroses, tentavam se unir, a generosidade era enorme e, de uma certa forma, você acaba se tornando mais solidário e humano.

A raiva de Fernando só aumentava em relação aos seus pais, tinha certeza de que o seu pai, o grande advogado se encarregou de fechar todas as portas, sendo assim ele voltaria para casa, se

matricularia numa faculdade e lhe daria o tão esperado e sonhado diploma. O mais novo

advogado da cidade, chegaria no enorme e belo prédio da empresa dele, empresa da qual tinha um enorme orgulho, os seguranças logo lhe abririam as portas, as recepcionistas lhe sorririam dando-lhe boas-vindas com um sorriso malicioso. E talvez, quem sabe, ele não poderia convidar uma delas para um almoço, depois um jantar, um passeio de barco, talvez iate, uma viagem para a Europa, depois se entregaria numa bela cama, num belo quarto de hotel com vista para o mar, acordaria com ele de robe de algodão, trazendo uma cesta de café da manhã, com frutas, pão, biscoito, suco, iogurte, onde ela iria comer com ele a servindo na boca, e quando passasse manteiga no pão lá estaria o tão esperado momento, o anel acompanhado de um pedido de casamento.

Se casariam em poucos meses, uma grande festa celebrando a união do filho do melhor advogado da cidade com a secretária do escritório mais sofisticado da cidade. A princípio seus pais não aprovariam a união, pois gostariam que ele se cassasse com alguém da sua classe social, mas acabariam aceitando, pois ele seguiu os passos do seu pai, suas taças transbordariam de orgulho do filho, e dali para frente sempre nas rodas de conversa poderiam dizer com êxtase que sentiam muito orgulho do filho, o melhor filho da cidade

Mas não, não mesmo, disse Fernando balançando a cabeça, não iria ceder às chantagens dos seus pais. Naquela noite debaixo de um viaduto deitado sobre um colchão velho, rasgado e sujo, pensava em que rumo poderia tomar, já fazia mais de dez dias que havia saído de casa, e tinha a total convicção de que ali não teria oportunidade alguma, portanto só restava seguir para outra cidade, e não perder o pouco de dignidade que ainda lhe restava, sua alma buscava respostas para os questionamentos que seus pensamentos faziam, e a única conclusão que chegava

era de que seus pais agiram de uma forma autoritária e desumana.

Andava pelas ruas como um verdadeiro fantasma para a sociedade, algumas pessoas sabiam quem era ele e o motivo de estar ali naquela situação, algumas pessoas tinham pena dele, outras achavam que ele não passava de um garoto mimado e ingrato com seus pais, que sempre deram o de melhor para ele e na hora de aceitar um conselho, na hora de retribuir, cuspia no prato que comeu, aquilo que ele estava passando era somente para chamar atenção dos pais dele, colocando os pobres coitados contra a parede. Tomara que eles não cedam, pensavam outras pessoas, com suas próprias conclusões formadas, não importava os argumentos dele, ele estava completamente errado e era justíssimo passar por aquela situação humilhante.

Fernando tinha total consciência da situação, e sabia o que representava cada olhar direcionado para ele, às vezes de uma forma injusta e condenando-o. O desprezo era visível, por isso resolveu tentar a sorte em outra cidade, pois, naquela era como se os olhos dos seus pais estivessem em algum lugar vigiando-o, a todos temia.

Iria partir atrás de seus sonhos que naquele momento ele mesmo desconhecia, queria uma oportunidade, a vida na rua era muito complicada e dolorosa, só queria uma oportunidade de trabalho, queria mostrar o seu valor, precisava recuperar sua honra e a sua dignidade, por isso precisava partir para o desconhecido ... levantou-se e seguiu para a estrada, rumo ao futuro de oportunidades e de incertezas.

Caminhou por dois dias, roubou algumas frutas dos quintais que não representavam perigo, pelo menos aparentemente, parou

em seis restaurantes. Pedir a alguém que lhe pagasse um lanche

estava fora de cogitação, seu orgulho mesmo ferido ainda não lhe permitia tamanha humilhação, talvez o problema maior não fosse pedir, mas escutar um NÃO acompanhado do: vai trabalhar vagabundo! Por esse motivo ia direto nas lixeiras, nos três primeiros restaurantes as lixeiras eram distantes do restaurantes, isso de uma certa forma era bom, assim ficava longe dos olhos alheios, pois, a vergonha estava estampada no seu rosto, lá estavam restos de comidas, lanches e sucos, mas os ratos já se faziam presentes, mesmo com a fome o devorando, não teve coragem, o nojo gritou forte em seus ouvidos, teve ânsia de vômito de algo que não tinha dentro, os ratos se divertiam com um banquete farto, impressionante tamanho desperdício, afastou-se e se sentou na calçada. Mas, sem forças e apesar da vergonha e do nojo percebeu que, sim, precisava se alimentar, não tinha outra opção, precisava dividir com os ratos a comida ou desmaiaria de tamanha fraqueza. Desespero...

Entregou-se à tristeza que afligia sua alma, o medo abraçou seu corpo como uma gasalho na noite fria, sentiu saudades da sua vida, da sua casa, da sua mãe, do seu quarto, quando pensou em seu pai, chorou de ódio, como pode um pai tomar uma atitude tão drástica, aquela atitude dele de pressioná-lo mostrou o quanto ele era tão dominador, será que não pensou que ele não tinha lugar para dormir, lugar para se alimentar, lugar para tomar banho...? por que pai você foi tão ruim comigo? Olhou para o céu pedindo ajuda, pedindo explicações, pedindo soluções, pedindo o fim do sofrimento, da tristeza, da injustiça, da própria vida, voltou para as lixeiras e viu os ratos tomando suco de laranja e comendo a torta de frango... droga! a sua preferida, era muita ironia e judiação, riu de nervoso, riu confuso, tenso de anseios e receios.

Percebeu que estava ficando doido, percebeu que a

oportunidade cria o ladrão, a situação cria o louco, a desgraça o marginal, o vício o andarilho, parou de rir, tinha que chorar, o momento era de desespero total, mas, não a ponto de ter coragem para comer sobra de comida com ratos
... afastou-se novamente, passou bem perto do restaurante, todas as mesas estavam ocupadas, e as pessoas conversavam animadamente, com suas mesas repletas de fartura. E ele ali querendo apenas algo simples para matar o que lhe afligia. Por um momento lembrou-se, de, quando do outro lado, quantas vezes julgou injustamente tantas pessoas, sem ao menos conhecer a sua história. Agora era para ele que as pessoas direcionavam seus olhares de desprezo e de pena, mais uma vítima do sistema, mais um vagabundo vadiando, aquilo o feria muito, queria apenas uma oportunidade de mostrar o seu valor, era vítima sim, vítima do autoritarismo do seu pai. Por várias razões as pessoas encontram-se em situações humilhantes e até desprezíveis. Você tem duas atitudes a tomar: ou ajuda ou não ajuda, agora julgar não é o mais sensato.

Seus passos inseguros o levavam a uma reflexão profunda sobre suas atitudes até então, aqueles dias o fizeram tornar constante em seus pensamentos a necessidade de uma mudança nas suas decisões e escolhas... Estava assim reflexivo, mas logo seus pensamentos foram interrompidos com alguém puxando quase sem força a sua calça, uma menina pequena, morena, cabelos cacheados... seus olhos grandes e pretos a deixavam mais parecida com uma boneca, ainda mais com o seu vestido e sandália cor de rosa e um laço azul no cabelo.

- Ei, moço toma, mamãe mandou te dar, ele olhou para a porta do restaurante e uma senhora alta, morena, cabelos cacheados, vestindo um vestido preto e calçando uma sandália branca, acenou com a mão. Balançou a cabeça de agradecimento,

obrigado meu anjo!

- De nada, mamãe vive me dizendo

que devemos ajudar os mendigos.

[sorrisos] - Obrigado, continue assim -

Tchau!

- Tchau!

Ela se virou e saiu correndo atirando-se nos braços da sua mãe. Aquela cena o fez lembrar-se da sua infância, quando se atirava nos braços da sua mãe, como um passarinho que pede calor nas asas da sua protetora, e, por mais que estivesse passando por uma situação complicada, não podia negar, amava sua mãe muito, e tinha certeza de que nada acontece por acaso, sabia que seu ser precisava crescer e evoluir, sabia que aquele sofrimento e dificuldades pelas quais estava passando poderiam ter fim a qualquer momento, era somente aceitar as condições, ou melhor dizendo, as chantagens dos seus pais, mas não se entregava, tinha condições de sobreviver com dignidade, até porque era firmemente contra o ditado que diz: onde come um comem dois, sim comer come, mas come mal. Ele lutaria, ele venceria!

Sentou-se na calçada e abriu o marmitex, o cheiro já quase o estava matando. Ao abri-lo, seus olhos brilharam diante do arroz, costela com batata, salada e macarrão, comeu como um bicho, afinal, não se alimentava direito há dias ... uma refeição digna para o filho do grande advogado! sorriu enquanto se deliciava, o final ficou com gosto de quero mais, não mandou nem um suco gelado, levantou-se batendo na barriga, agora podia continuar sua caminhada para um lugar desconhecido, mas que tinha nome: oportunidade, e sobrenome: esperança.

Caminhou por mais algumas horas, o sol castigava, a uma hora dessa poderia estar na piscina, tomando um refresco enquanto escutava uma música para relaxar aquele que já estava relaxado. Longa caminhada após, encontrou outro restaurante. Como já era tarde, o movimento era pouco, apenas um casal tomava sorvete. Uma sombra de uma árvore foi um convite para repousar seu corpo cansado e dolorido, não teve dúvidas, foi até o lixo pegou duas caixas de papelão rasgou-as e cuidadosamente as ajeitou no chão, deitou fechando os olhos de alívio, agora lembrava da sua cama macia e cheirosa, seu travesseiro de astronauta, ajeitou o corpo como se estivesse deitado nela, riu da sua comparação, e por um momento pensou que estivesse ficando louco, olhou para o seu tênis rasgado e sujo, sua calça de jeans havia ficado preta, sua camisa preta estava desbotada e rasgada, o filho do grande advogado, fodido e no fundo do poço. Novamente entregou-se às lembranças e, devido ao cansaço, entregou-se a um sono profundo, onde seus pais se faziam presentes, estavam na piscina numa tarde ensolarada, sua mãe deitada na espreguiçadeira e ele e o seu pai na piscina jogavam bola, depois sua mãe trazia lanche, e como uma família típica curtia feliz o domingo, depois seus sonhos o levaram às idas ao clube, jogava futebol, enquanto seu pai jogava tênis e a sua mãe ficava conversando com as mães das outras crianças... logo sentiu algo cutucando sua costela, o primeiro cutucão nem doeu tanto, mas no segundo pôde sentir a ponta de uma botina, isso lhe causou uma dor intensa, abriu os olhos assustado.

- Ei cara não pode dormir aqui.

Levantou-se assustado, mais assustado ficou com o tamanho do segurança, um homem enorme, moreno, alto, cabeça raspada, queixo comprido, rosto largo, parecia lutador de vale

tudo.

- Desculpe-me senhor, já vou sair.

- Sai fora, anda logo, seu vagabundo, delinquente.

Olhou ao redor procurando suas coisas, mas logo se lembrou que não tinha nada, riu da sua própria desgraça, estava completamente fodido e mal pago, logo assustou-se, pois, tomou um forte soco na boca do estômago, que o fez se encolher de dor.

- Não debocha de mim não, seu drogado, gritou o homem.

Fernando ficou assustado, nem havia absorvido o primeiro golpe, tomou outro, caindo no chão. Realmente o ser humano é o pior dos animais, pensou, sentindo muita dor agora na boca. Esperava o terceiro golpe, mais um chute, um soco, mas não veio para a sua felicidade, meus dentes agradecem, pensou, quando viu o casal aproximar-se e exigir do segurança um pedido de desculpas pelo ato de pura ignorância. Ele se recusou, é claro. Enquanto Fernando curtia sua dor solitária, mais pessoas foram chegando, pessoas anônimas, defensoras dos direitos humanos, da liberdade, do respeito, do amor ao semelhante, sentiu uma mão doce e macia no seu braço, se sentiu vivo e cheio de amor e, por uma fração de segundos, sentiu algo ressuscitar nele. Mas, a realidade era de desespero e apesar da beleza da mulher ele era um andarilho, talvez em outra oportunidade ela se renderia aos seus encantos, não naquele momento. Logo o defunto vivo, morreu de novo fechando os olhos, absorvendo a dor insuportável que sentia.

O segurança se viu acuado num beco sem saída, não lhe restava outra solução a não ser pedir desculpas, aquele episódio tomou uma proporção maior do que ele imaginava e a sua atitude poderia lhe causar grandes transtornos e até mesmo, algo que

começava a lhe preocupar, sua demissão.

- Desculpe-me meu jovem, agi por puro impulso, peço minhas sinceras desculpas.

O segurança baixou a cabeça e se distanciou sob os olhares de pessoas revoltadas que aos poucos foram se dispersando. Fernando se refez, agradeceu às pessoas, mas, a vergonha estava estampada em seu rosto, sujo, rasgado e cheirando mal, seguiu seus passos de solidão, tendo a certeza de que a vida na rua teria muitos outros percalços dolorosos e de humilhação. Antes da saída recebeu do gerente do restaurante dois marmitex, uma garrafa de refrigerante e cem reais. Era nítida a fisionomia de revolta dele pela atitude do seu funcionário. Diante dos olhos das pessoas, pediu novamente desculpas, entregou a sacola e sorriu, um sorriso amarelo. Fernando agradeceu e decidiu sumir dali o mais rápido possível. Poderia escurecer e o lutador de MMA poderia voltar e fazê-lo de *sparring*. Seguiu pela estrada e, quando sentiu que a distância era segura, procurou uma sombra, sentou-se, comeu os dois marmitex e tomou o refrigerante, pensou em guardar, mas, não seria viável, poderia azedar, também não queria deixar para os ratos ordinários, juntou algumas folhas e se acomodou, fechou os olhos e entregou-se a um sono profundo. Acordou e não se lembrava de ter sonhado, sentia seu corpo melhor e mais relaxado, mas teve a certeza de que cada vez mais sentia saudades da sua cama, percebeu que havia comido demais, estava pesado e com uma enorme preguiça, levantou-se espreguiçando, olhou ao redor, um lugar belíssimo, e que não tinha reparado, cheio de lindas árvores e flores!

Apesar do barulho intenso de carros que passavam na estrada, era possível encontrar paz naquele lugar, poderia montar um barraco ali e viver intensamente cada segundo, um dia iria ter um lugar daquele para usufruir e pintar alguns quadros, mas no momento o único desejo que tinha era a vontade de viver e superar as condições impostas pelos seus pais. A noite começava a cair e ficar ali representava um real perigo de aparecer algum animal que, como ele que a pouco estava com fome, poderia vê-lo como seu banquete, e não lhe agradava nem um pouco imaginar-se virando o banquete de algum animal feroz. Pensando nisso ficou com medo quando fez um barulho na mata, mas logo sorriu ao ver um passarinho voar para o topo da árvore. A melhor decisão era seguir, seu corpo relaxado e descansado poderia seguir para um lugar mais seguro para dormir. Um posto de gasolina era uma garantia incerta de que poderia descansar, o pátio estava cheio de caminhões, alguns motoristas conversavam numa roda animada, outros se acomodavam em seus caminhões. Fernando procurou se afastar para não ser confundido com ladrão, arrumou no lixo um cobertor velho, e quando teve a certeza de uma distância segura enrolou-se no cobertor e se acomodou no chão, sentia seu corpo tremer devido ao frio intenso que fazia. Agora ele tinha dinheiro, poderia comprar uma cachaça e tomar, fazer como muitos faziam para esquentar, mas descartou essa possibilidade não queria virar dependente químico, as coisas já estavam ruins, só faltava viciar-se em cachaça, aí sim estaria mais fodido, de repentemente o poço onde já se encontrava, poderia tornar-se mais profundo, mais amargo e mais doloroso.

A noite foi longa e dolorosa, acordou diversas vezes e toda vez que acordou lutou bravamente para não chorar, de desespero, de frio, de medo e das incertezas que dominaram seu corpo, sua mente e, também, sua alma.

Quando, mesmo antes do sol raiar o movimento já era intenso, levantou-se, sentindo seu corpo moído, uma dor intensa atingiu o seu ser, as lágrimas insistiam em cair, mas seu orgulho mesmo ferido ainda transbordava numa taça de orgulho e satisfação, está vendo papai? sobrevivi a mais uma noite! Quanta tolice, pensou se culpando, lembrou com carinho e saudade da sua mãe, gostaria imensamente de vê-la, e seguiu com seus passos levando-o a um destino incerto, enquanto seus pensamentos começavam a criar vida

Dividiu os cem reais em seus bolsos. Nos próximos dois restaurantes que encontrou na estrada foi proibido de entrar devido a seus trajes e o cheiro insuportável que tinha. Caminhava debaixo do sol escaldante que fazia, além do calor enfrentava a sede, quando passava perto de algum lugar, pedia água, era um invisível na estrada, a todo momento passavam carros por ele, acelerados. Já não tinha mais esperança em pedir carona quando, para seu espanto e surpresa, parou uma caminhonete vermelha, o motorista baixo, gordo, rosto redondo, pele morena, um enooorme bigode e usando um chapéu de cowboy, dirigiu-se a ele com sua voz grossa e potente:

- Ei cara, quer uma carona?

Por um momento Fernando ficou em silêncio tentando acreditar se realmente escutava tais palavras.

- Vamos meu jovem, não tenho o dia todo.

- Sim eu aceito, suas palavras saíram fracas e emocionadas.

- Tudo bem, suba lá atrás, não quero me impregnar com esse seu cheiro, digamos " nada agradável "... dizendo tais palavras sorriu, fazendo gesto com a mão para que Fernando subisse na carroceria.

Fernando se ajeitou na serragem, tirou o tênis com dificuldade e dor, seus pés agradeceram. Enquanto seguia viagem, entregava-se às lembranças, seus pensamentos se confrontavam, o certo e o errado travavam uma batalha, onde as certezas e as incertezas se faziam presentes: quais caminhos se segue quando tudo parece estar em completa ruína? atingir o fundo do poço fosse talvez libertador ... nada podia piorar. Mas, quando se está lá e se olha para cima, buscando uma mão amiga para te ajudar, aí você descobre que muitas mãos que juraram te ajudar, não estão mais lá, você está só, completamente só, amargamente só, desesperadamente só, e lágrimas lhe faltam, esperança lhe falta, até mesmo linhas brancas lhe faltam, pois tudo é irrelevante quando a vida deixa de sorrir, mas é preciso sempre se agarrar na esperança de que dias melhores hão de raiar, pois não há solidão que dure para sempre, não há lágrimas que durem para sempre, não há tristeza que dure para sempre, não há dor que dure para sempre. Felicidade pode até ser passageira e a tristeza também é. Cada árvore que ia ficando para trás, cada folha, cada pássaro, cada imagem que surgia ante seus olhos lhe traziam não só esperança, mas a imensa vontade de continuar, vontade de viver, no esplendor de um coração que anseia por esperança. E assim crescia, num coração solitário que batia a cada segundo, naquela vida de incertezas a certeza de que tudo seria diferente!

O motorista estacionou depois de horas dirigindo enquanto Fernando pensava e pensava. Agradeceu o gesto nobre daquele senhor, jogou o seu tênis no chão, se é que podia chamá-lo

daquela forma, desceu, sentou-se para calçar o tênis enquanto via a caminhonete sumir pela estrada....

Bem-vindos à Cidade das Flores! dizia a placa grande no alto.

Fernando estava esperançoso, teria ali uma oportunidade de trabalho? a chama novamente acendeu em seu coração, precisava tomar um banho e buscar um emprego para ter novamente sua dignidade. Procurou por informações que o levassem a um albergue, com uma certa dificuldade conseguiu tal informação. Tomou um demorado e caprichoso banho, conseguiu roupas novas, fez a barba, e ganhou uma refeição, recusou o corte de cabelo e a cama que lhe foi oferecida, estava feliz e revigorado, não sentia sono e nem cansaço, poderia ficar ali, mas seu orgulho gritou, você não pode dormir aqui na companhia desses caras, um bando de doidos, marginais, drogados, você quer acordar morto, que apanhar de madrugada ... ? Contradição, estar ele no mesmo lugar que aquelas pessoas estavam e, mesmo assim, seu orgulho se achava no direito de julgar??? Deu um grito, um basta, agradeceu a atenção recebida e junto de seu orgulho saiu pelas ruas desertas a procura de uma oportunidade ou um lugar melhor onde pudesse passar a noite, uma oportunidade, uma cama, uma mulher, um sexo gostoso, sorriu caminhando, desvendando os mistérios que a noite daquela cidade escondia, colocou a mão no bolso, seus vintes reais estavam lá, poderia tomar uma cerveja para relaxar e ele próprio se dar as boas-vindas ... seria sem noção alguma ter apenas vinte reais e tomar cerveja poderia guardar e comer algo no outro dia, mas estava na posição de comemorar e amanhã pensaria no outro dia. Viu um bar onde o letreiro estava escrita: “A última saideira”, a placa luminosa chamava atenção, achou legal e seguiu, o sinal verde para os carros o fez parar sobre a calçada e esperar,

pensava na cerveja e sentia sua boca seca, a sua ansiedade era tanta que para ele demorou uma eternidade para o sinal fechar, e mesmo depois que fechou três carros e duas motos avançaram o sinal, - seus idiotas, filhos da puta - gritou uma senhora acompanhada de uma cadela, a qual estava usando um vestido rosa e laço amarelo, a guia era cheia de florzinha, riu da situação. Como outras pessoas, entrou no bar, havia apenas um casal que ocupava uma mesa, conversavam animadamente, quatro garrafas vazias sobre a mesa, o homem acabava de abrir outra enchendo os copos.

Fernando sentou-se num banco dos muitos vazios, um homem magro e comprido, moreno com um rosto com uma mancha na testa limpava o balcão e sem levantar os olhos perguntou:
- o que vai ser?

Fernando permaneceu calado, passando os olhos pelo bar, vários quadros de pessoas influentes dividiam as paredes , uma mesa de sinuca ficava mais ao fundo, uma réplica de uma moto estava pendurada no teto, um palco central para quem quisesse mostrar seus dons musicais, atrás do balcão várias prateleiras com diversas garrafas de bebidas eram iluminadas por uma luz verde e azul, uma porta atrás do balcão levava à pequena cozinha, que logo Fernando descobriu que tinha um fogão, três freezers, vários armários ... no salão do bar tinha ainda mais três portas, uma dava para o banheiro feminino, outra para o banheiro masculino e a terceira era saída de emergência que não abria há anos, nem mesmo o dono do bar sabia por onde andava a chave, nas três portas haviam mensagens, na primeira: **UM PENSAMENTO NÃO É O BASTANTE, É A AÇÃO QUE EVOLUI O HOMEM**, na segunda, **VOCÊ CHEGOU NA PAZ , PORTANTO, TEM OBRIGAÇÃO DE SAIR NA PAZ**, na terceira : **VOCÊ PODE CHEGAR AONDE QUISER, DESDE QUE RESPEITE O PRÓXIMO.**

- O que você vai querer chefe?

- Gostaria de um chope, por favor. Viu o homem pegar uma caneca e ir até o vasilhame e enchê- la, colocando-a sobre o balcão, com uma certa violência, sem olhar um minuto sequer para ele.

- Desculpe-me, estou muito cansado, meu ajudante viajou e faz três dias que estou trabalhando sem parar.

Tudo bem, Fernando deu uma golada no chope, apreciando-o com um sabor especial, pois, acabara de gastar metade do seu dinheiro, chegaram mais quatro homens acompanhados de três mulheres e se acomodaram na mesa mais ao fundo, uma das mulheres alta, branca cabelos loiros, olhos pretos, buscou o encontro do olhar dele, que logo desviou, seria sensato evitar qualquer confusão, ainda mais com quatro caras, lembrou-se do segurança e logo sentiu uma dor no estômago, “maldito” pensou ele dando mais uma golada no chope.

Viu o homem sair de trás do balcão e se arrastar até a mesa para anotar o pedido, passou um pano encardido na mesa, e enquanto passava o pano dirigiu seu olhar desrespeitosamente para o decote da loira, que conversando animadamente nem percebeu. O olhar de desejo e curiosidade sumiu no momento em que ele se virou dando lugar a um olhar de cansado, arrastou-se até chegar ao balcão, foi até o freezer, pegou três cervejas e colocou sobre a bandeja, colocou sete copos e seguiu até a mesa, novamente de olho no decote da loira.

Mais três homens entraram no bar e se acomodaram na mesa da frente, passando seus olhos pelas mesas a procura de mulheres e os olhares dos três pararam na loira que, percebendo, soltou-se mais, gesticulando e passando as mãos nos cabelos.

Fernando viu a fisionomia do dono do bar ao chegar mais dois casais, deveria estar satisfeito, mas não era o que demonstrava, seu cansaço era evidente. Logo Fernando teve a ideia de se oferecer para trabalhar, estava precisando tanto quanto o homem precisava de ajuda, logo que o homem se dirigiu até a bancada, Fernando se ofereceu.

- Ei amigo, talvez você queira me contratar para ajudá-lo?

Sem levantar os olhos o homem respondeu - vou te agradecer, mas a situação não está boa, talvez numa outra oportunidade.

- Tudo bem - respondeu Fernando desaminado, vendo a morena junto da loira se levantar e ir até a máquina de música e colocar cinco fichas, em poucos segundos começou tocar Madona, e elas começaram a dançar sob os olhares atentos dos homens.

O dono do bar viu que mais pessoas haviam chegado, agora eram quatro amigas, todas vestidas de calça social e camisa azul, elas se dirigiram até uma das mesas vazias. Arrastando-se o dono foi até elas, mas percebeu que elas passaram e olharam para o loiro que tomava o último gole do seu chope e que havia se oferecido para trabalhar. Deveria contratá-lo? percebeu que ele poderia chamar atenção das clientes, aquilo representava mais clientes e obviamente mais dinheiro. - Só um minuto, por favor, disse ele às quatro amigas e se dirigiu até o loiro cabeludo. Pegou um pano e jogou na bancada perto dele dizendo - vamos, rapaz, não

quer trabalhar? então vá, comece a limpar aquelas mesas ali e pegue o pedido daquelas mulheres. Dizendo isso foi até o outro lado e se atirou na cadeira feliz com a decisão tomada.

Apesar da dificuldade de adaptação, Fernando adorou trabalhar lá. No final de expediente, perguntou a Dênis se podia dormir nos fundos do bar, mas Dênis ficou tão feliz com o resultado do trabalho dele que deu a ele uma chave de uma casa em cima do bar.

Dênis era um dos quatro filhos, seu pai Miguel era dono do bar e dali tirara o sustendo junto com sua esposa Miquelita para criação dos filhos, apenas Dênis se interessou em seguir a profissão do pai, os outros três: Verônica formou-se em administração, Pierre formou-se engenheiro, Souza formou-se em farmácia. Miguel e Miquelita sentiam-se orgulhosos dos filhos, inclusive de Dênis que, apesar de não ter se formado, dedicava-se aos negócios do pai que passou anos ali se entregando de alma e coração.

Fernando respirava liberdade, olhava para o alto e via o céu estrelado, não as asas dos seus pais. Tinha consciência das críticas que o cercavam por sua decisão, largar tudo, uma vida estável por uma aventura, mas só ele sabia o quanto seu coração transbordava de alegria, libertou-se das correntes da opressão, ele queria ser feliz, queria que seus pais respeitassem as suas escolhas, pois a vida era dele, mas não aceitavam o seu jeito aventureiro, tudo que aconteceu com ele foi importante na busca de respostas que afligiam seu interior, precisava respirar, viver, sobreviver sozinho, estava em paz com ele mesmo.

Sua história era digna de um livro, o filho do renomado advogado que virou andarilho, que virou garçom e que sonhava em se tornar fotógrafo profissional e ter o seu talento reconhecido e, um dia, o perdão dos seus pais pela decisão tomada. Às vezes na vida a autodescoberta tem consequências profundas, e estava disposto a arcar com elas - o tempo cura as feridas, o tempo é o remédio necessário - pensava ele no silêncio de suas emoções.

EMILY

Emily levantou-se e foi ao banheiro, olhou-se no espelho, sua fisionomia era horrível, tem coisas que acontecem que não têm explicação, perdeu duas horas de sono esperando Fernando tomar a frente da situação, e no final se virou e dormiu em poucos segundos, e ela ficou lá acessa, sem conseguir dormir, e com isso conseguiu duas belas olheiras, fora o seu corpo que parecia que havia sido atropelado por um caminhão, ainda tinha que fazer um esforço enorme para manter os olhos abertos.

Homens aff ... concluiu procurando suas roupas, a calcinha e o sutiã estavam no chão perto da cama, sua blusa azul marinho estava perto da porta, sua calça preta estava no chão perto do sofá, seu tênis estava o esquerdo debaixo da cama, o direito dentro do banheiro, sua bolsa estava jogada na mesa, olhou para Fernando que dormia profundamente, a vontade que teve era de jogar uma bacia de água sobre ele, da próxima vez você vai ficar sem se satisfazer, pensou rindo, olhou mais uma vez antes de fechar a porta e desceu os degraus abriu o portão e lá estava a correria do mundo esperando por ela mais uma vez, entrou no meio da multidão que mesmo cedo já dividiam as ruas com seus objetivos diferentes. Seguiu até o ponto de ônibus, esperou

cerca de dez minutos, ainda era vinte para as sete, e os termômetros marcavam vinte e três graus, passou a mão no rosto e foi possível vê-la molhada, havia esquecido a sua toalha que carregava para esses momentos, também havia esquecido além do relógio, os brincos, se sentia nua sem seus brincos e sem maquiagem, aquele ordinário me paga, pensou já entrando no ônibus que estava completamente cheio, o motorista só parou mesmo porque alguém havia dado sinal para descer, se não ele teria passado direto, eles adoram fazer isso, o ar condicionado do ônibus estava estragado, e isso foi motivo de uma senhora de mais ou menos setenta anos reclamar até seu destino final: - é um absurdo com o valor dessa passagem o ar condicionado não funcionar, me sinto uma sardinha nesse ônibus, tão cheio que só falta colocar passageiros sobre as nossas cabeças, os motoristas correm tanto! acham que somos gados, queria ver se a mãe dele estivesse aqui ... Quanto mau humor, além da falta de educação das pessoas. Estudantes com mochilas nas costas, som tocando em alto volume, conversavam alto e com muitas palavras chulas, não se importavam com quem estava perto, o futuro do país, sem o mínimo de noção, educação zero, lamentável a esperança deixa de existir a cada segundo.

Seu grande sonho era comprar uma moto, e largar de vez aquela dependência de transporte público, talvez fosse mais que um sonho, era uma necessidade, seu trabalho no caixa de um supermercado variava um pouco, às vezes abandonava o caixa e ia repor mercadorias nas prateleiras, mas o que a irritava mesmo era a rotina, muitas das vezes se questionava o por quê de ser escrava do tempo, hora para chegar no serviço, hora para almoçar, para ir embora, dormir... Sim aquilo a fazia odiar tudo, queria ser livre para tomar suas próprias decisões, fazer

o que quisesse, mas com todas as pessoas era assim. Aquela vida de robô humano torturava seus pensamentos, era inaceitável se conformar, seus próprios pensamentos se confrontavam quando pensava em aposentadoria, o sonho de muitas pessoas, mas para ela aquilo era o fim; sonhar em se aposentar e ... depois, se faz o quê? só imaginava viajar, passear, conhecer pessoas, lugares... só tinha um grande problema, a realidade que até então conhecia era outra: cuidar de netos, cuidar de casa, gastar metade do salário com remédios, perceber que a morte se aproxima não mais tão lentamente ... Aqueles pensamentos a afligiam e a torturavam. No silêncio de suas emoções, tinha esperança de que um dia se livraria de tal situação, ganhar na loteria, conhecer um homem rico que saciasse todas as suas vontades, eram algumas das possibilidades de ela largar aquela vida de sofrimento e de robô, ser feliz e, melhor, ser dona do seu próprio tempo, um dia a vida iria dizer sim para ela, e esperava ansiosa por tal momento.

Para sua alegria seu ponto chegou, com muita dificuldade chegou na porta, não sem antes vários gritos, de espera vai descer gente, calma motorista, que pressa! essa droga, sem ar condicionado. Com alívio, desceu. Uma menina moreninha que estava no colo daquela que parecia ser sua mãe deu tchau para ela, sorrindo, mostrando a falha nos dentes, retribuiu e seguiu. Chegou no seu trabalho faltando cinco minutos. Seu Jorge, o gerente do mercado, um senhor gordo, baixo, pele clara, cabelos grisalhos, rosto redondo, olhos e nariz grande, e que ostentava um bigodão, estava a postos e a olhou com ar de poucos amigos. “Um verdadeiro galã para filmes de terror “, pensou ela no calor de suas emoções. Olhou para o relógio despistadamente, esperou ele dar as costas e apontou para ele a mão mostrando os cinco dedos, em alusão aos cinco minutos que ainda faltavam. Logicamente que ele não viu, mas a câmera essa sim; não tinha

o que ser feito, apenas deu tchau para a mesma e foi para o vestiário se trocar. Às sete em ponto estava no seu devido lugar, as portas se abriram e dez pessoas entraram no mercado. Emily sempre se questionava, será que elas dormem aqui na porta? não é possível. Eu gostaria tanto de poder estar deitada, descansando, uma coisa que eu certamente não estaria fazendo era estar no mercado! Apesar daquela manhã infernal, o seu dia transcorreu tranquilamente, tirando que uma senhora a acusou de lhe dar o troco errado, dizendo que havia pagado com cem reais, a senhora deu um show de interpretação. Seu Jorge apresentou-se e mandou fechar o caixa. Resultado, ela havia pagado com cinquenta reais; nem assim foi possível vê-la se desculpar. Emily, com o olhar da razão a olhou fixamente. A senhora simplesmente pegou suas sacolas e saiu. A vontade que Emily tinha era de forçá-la a se desculpar e depois rir bem alto, poderia também lhe dizer umas verdades, mas não era possível, ser funcionária tem seus limites, mesmo estando com a razão. E era normal, não só presenciar, como fazer parte de situações quando o ser humano quer se dar bem o tempo todo. E muitas vezes, justificavam suas atitudes, suas espertezas como um descuido qualquer, quando a verdade é que não tinham ética alguma, tem ser humano que ... aff!

As dezoito horas se aproximavam rápido, fechou seu caixa e foi para o vestiário com alegria e satisfação de mais um dia vencido, trocou-se já pensando que no outro dia teria que estar ali. A rotina me mata e me devora lentamente, pensou. Ao sair do mercado ainda tinha que mostrar a bolsa para Jorge, uma vergonhosa atitude imposta pelo patrão, e Jorge tinha um enorme orgulho quando aquele momento chegava, dava um certo poder a ele, que fazia questão de olhar cada bolsa, mais pelo prazer de saber o que as mulheres carregavam nas bolsas. Era evidente já que ele não mostrava nem um pouco de

interesse nas bolsas dos homens. Ufa! em cinco minutos respirava liberdade, um dia não iria precisar mais daquele emprego e então iria

falar umas boas com Jorge, ele iria ouvir tudo o que estava entalado na sua garganta, e que guardou durante anos. Iria colocá-lo no seu devido lugar, não só ele, mas qualquer ser humano que se achasse mais importante do que ela, e o olhar de superioridade teria que se desfazer, pois humildade é importante para uma sociedade harmoniosa e de paz.

Foi andando no meio das pessoas, o calor agora já era suportável, pensou em tomar um sorvete, mas poderia fazer falta numa ocasião de necessidade, era tão ridículo e ao mesmo tempo mesquinho viver apenas com o básico, que até dois reais poderiam fazer falta, afastou os pensamentos e seguiu para o ponto de ônibus, não sabia se ia para casa ou se ia para a casa de Fernando, sabia que ele sempre a esperava e se questionou se deveria dar uma oportunidade a ele de construir uma família, por alguma razão aquele questionamento criava cada vez mais vida. Certezas começaram a torturar seus pensamentos, sua mãe estava muito ruim de saúde, e aquilo era uma enorme preocupação para ela, não tinha cabeça para transar sabendo que sua mãe precisava dela. O problema não era voltar e sim voltar para a casa a qual odiava tanto do momento em que abria os olhos até o momento de fechá-los. Chegou ao ponto de ônibus, a essa altura completamente cheio. Era estressante demais, afastou-se evitando a aglomeração, uma oportunidade para os ladrões; mesmo não tendo uma grande quantia em dinheiro, era melhor evitar o aborrecimento. Para preservar sua pouca grana decidiu que o primeiro ônibus que viesse pegaria e que o destino se encarregasse de decidir para onde iria. Para sua decepção veio o do bairro dela, formou-se uma fila quando o motorista estacionou, e como estava distante foi a última a entrar; isso significaria que iria na porta numa verdadeira lata de sardinha, pensou com carinho no seu sonho de consumo, sua moto cor de rosa, já se imaginou pilotando pelas estradas numa

sensação de liberdade e prazer, e iria acabar de vez com aquela raiva que sentia toda vez que entrava num transporte coletivo, sorriu dentro do seu interior tendo a convicção de que um dia realizaria seu sonho, precisava que a sorte caísse no seu colo, pois, com o baixo salário que ganhava seria impossível. Não jogava na loteria, portanto precisava achar um bilhete mágico, ou até mesmo o gênio da lâmpada, lembrou-se da opção do marido rico, com esses pensamentos impossíveis de acontecer chegou ao seu destino. A viagem foi estressante e cansativa. Respirou, aliviada, quando alcançou a porta e desceu. Achar a chave na bolsa era uma missão complicada, abrir o portão e ver sua casa lhe dava uma tristeza tamanha!

Por sua vizinha Marta, soube que sua mãe passara mal novamente e estava no hospital. Apesar do cansaço não tinha alternativa a não ser seguir para o hospital, ficou na dúvida se entrava, se tomava um banho, se comia alguma coisa, ou se seguia direto para o hospital, ficou com a segunda opção. Como o ônibus fazia o inverso dos bairros, estava vazio, seguiu viagem sentada, e chegou até a dar umas cochiladas, apesar da preocupação. Havia já alguns meses que sua mãe não estava bem da saúde, falta de ar, cansaço, e o tempo seco só piorava a situação. A porta do hospital estava cheia. Quando entrou, as pessoas que estavam na sala de espera direcionaram os olhares para ela, ela era só mais uma a sofrer com o caos e a negligência na saúde pública, e, como muitos brasileiros, seu salário não era suficiente para pagar um plano que atendesse todas as necessidades dela e principalmente da sua mãe, uma senhora de saúde fragilizada. Foi até a recepção e pediu notícias da mãe, foi orientada a procurar a doutora Bruna. Com o coração aflito seguiu até a sala dela, muito preocupada com o que poderia escutar, bateu na porta que logo foi atendida por uma médica loira baixa olhos verdes, parecia uma boneca naquele caos

perdida, falta de estrutura, lotação, desespero, tristeza ... e ela lá com um lindo sorriso na face, seria, serenidade ou desespero?

- Boa noite doutora!

- Boa noite!

- Sou filha da senhora Dalva.

- Ah sim, por favor, entre, sente-se ali.

- Obrigada, por favor, minha mãe...

- Sua mãe está com pneumonia e devido ao quadro de saúde ela precisou ser entubada e está no CTI (Centro de Terapia Intensiva) Sua voz saiu numa tranquilidade enorme.

Ei, não estamos falando de um ser humano qualquer e sim da minha mãe, meu único parente vivo. Por que este tom sereno? - pensou com as emoções dos seus sentimentos confusos

- Posso vê-la?

- Sim, claro!

Ver sua mãe toda intubada era como se uma faca atravessasse o seu coração não só lentamente, mas profundamente, queria tanto ajudá-la, mas era impossível. Foi impossível conter as lágrimas. Foi a própria médica quem a consolou, dizendo: - fique calma, tudo vai se resolver, ela vai melhorar. Mas é claro que tais palavras eram somente um consolo, sua mãe cada vez mais fraca se entregava nos braços da morte. Quando nas visitas, em que colocava avental, touca e luvas, aproximava-se dela e lhe dizia palavras que esperava de coração que ela escutasse: - Por favor mamãe não me abandone, vamos lute, vamos embora para casa! E, quando na capela, orava fervorosamente pedindo pela melhora de sua mãe. Porém, suas palavras não foram ouvidas, tampouco suas preces atendidas, a melhora que ela

tanto queria não aconteceu; sua mãe faleceu por uma infecção generalizada, o mundo desabou em sua cabeça. Agora estava só no mundo, pensava em Fernando algumas vezes, mas, não tinha compromisso com ele, será que procurá-lo para dizer da morte da sua mãe seria egoísmo? Na verdade, estava muito confusa. Passado três semanas sua rotina estava “de volta ao normal “ trabalhava e voltava para casa.

A tristeza alojou-se em seu coração. Todos diziam: - a vida continua! Lógico que a vida continua, droga, essa porra de vida. Tinha horas que via uma ponte como solução para acabar com tamanha saudade que sentia da sua mãe, era uma vontade tão absurda que seus próprios pensamentos se encarregavam de condená-la. Não queria aborrecer Fernando com seus problemas por isso não o procurou mais, julgava-se às vezes, tamanha ignorância dessa decisão, mas achava melhor assim. Mais uma vez abriu o portão e viu sua casa que odiava fervorosamente, abriu a porta e jogou sua bolsa sobre o sofá que logo em seguida caiu no chão espalhando seus pertences, atirou-se no outro sofá passando os olhos pela sala da sua casa, os quadros antiquários a tinta azul velha e mofada das paredes deixava o ambiente mais feio, a TV velha, que não mais ligava, sobre um rack, o qual estava escorado por uma pilha de lajotas. Fotos com sua mãe tomava a estante onde haviam taças e copos guardados por anos sem uso, o piso de vermelhão estava branco devido a falta de cera, as cortinas estavam manchadas de molho de cachorro quente desde quando sua mãe comemorou seus dez anos, embora as tenha lavado

algumas não obteve sucesso de eliminá-las, mas como era presente da sua avó, optou por deixá- las lá, mesmo manchadas. Com ar de sujos, os sofás eram marrons, furados de cigarro, da época que seu pai se deitava para assistir televisão e dormia com o cigarro na mão. Tinha vários motivos para odiar tudo ali. E só havia uma saída para se livrar daquele destino de ódio e raiva, ir morar com Fernando. Quando pensou no nome dele sentiu seu corpo arrepiar, percebeu que devido à morte da sua mãe até a presente data já haviam se passado exatamente oitenta e dois dias, quase três meses. E era também o tempo em que não fazia sexo. Entendeu perfeitamente seu corpo, e lembrou-se bem da última vez em que ficou com ele, e ele sussurrou no ouvido dela, por favor fique aqui para sempre comigo, mas se limitou em ficar quieta, não queria dividir seus problemas com ele, a saúde da sua mãe cada vez mais debilitada, não podia abandoná-la, não isso jamais, e como sempre ele se decepcionava com ela, pois o silêncio era sua resposta sempre. Emily muita das vezes sentiu-se culpada por tratá-lo daquela forma.

ENCONTRO E DESENCONTRO

Quando se conheceram entrou no bar estressada cento e cinquenta por cento, naquele dia parece que as pessoas decidiram ir todas para o seu trabalho, talvez por ser começo de mês, todos estavam fazendo compras, foi um dia de cão. Quando o relógio anunciou dezoito horas, saltou de felicidade, correu para o vestiário e se trocou, teve que esperar cerca de quinze minutos até que Jorge disponibilizou tempo para olhar a bolsa dela (situação que só a deixou mais enfurecida) e, com um

sorriso sarcástico, veio e olhou a bolsa dela e a liberou. Saiu e foi direto para o ponto de ônibus, pegou o primeiro que parou e seguiu sem rumo, não queria ir para a sua casa, sua mãe estava cada vez mais difícil, estava o tempo todo nervosa, implicava com tudo, estava uma pessoa muito difícil de lidar, por isso decidiu dar uma volta, quando viu uma placa de um bar, ÚLTIMA SAIDEIRA, levantou-se, absurdamente exaltada, deu sinal, desceu e entrou no bar. Tomar uma cerveja seria relaxante e a distrairia um pouco. Apenas um homem alto e loiro estava lá dentro limpando as mesas, sentou-se num banco e ficou esperando ele perceber sua presença, fato que demorou alguns minutos, aquilo quase a fez desistir e quando se levantou ele se virou e a viu, seus olhos se encontraram numa fração de segundos, o silêncio se fez presente até ser quebrado pela máquina de música que começou a tocar uma musica brega, os dois começaram a rir, - me desculpe não tinha te visto, por favor sente-se.

- Obrigada.

- O que vai querer beber?

[silêncio] Emily se viu completamente perdida, aquele homem, nada convencional, parecia ser um homem rebelde e que não esquentava cabeça com nenhum assunto e aquilo de certa forma a atraía.

- Não escutei, como disse?

- Eu perguntei o que você vai querer beber?

- Ah, sim uma cerveja, por favor.

Emily ficou acompanhando-o com o olhar de pura curiosidade e não admitindo o olhar de desejo, seus cabelos loiros e grandes não a deixava ver nitidamente o desenho da camisa preta, sua calça jeans estava desbotada e tinha uma mancha que parecia ser de água sanitária, viu ele ir até o freezer pegar a cerveja, pegou o copo e a serviu, novamente, buscando o encontro do olhar dela, que o olhou profundamente como se quisesse descobrir os segredos dele ali, apenas no olhar.

Fernando por sua vez estava completamente confuso, tinha algo diferente nela, algo que desconhecia, por um momento teve a enorme vontade de agarrá-la e beijá-la , arrancar sua calça preta e sua camisa azul e amá-la ali mesmo na bancada, riu dos seus próprios pensamentos, e achou melhor deixá-la ou poderia ser acusado de assédio, estava na moda e aquilo poderia representar sua demissão, por isso se resumiu em apenas dizer: se precisar é só me chamar, e ela apenas balançou a cabeça concordando, dando uma satisfatória golada na cerveja. Como o bar foi enchendo, ele não parou por um minuto, mas sempre que podia buscava o encontro de seu olhar. Quando viu um homem se aproximar dela sorrindo e puxando conversa não gostou nada, não era possível ... tantas mulheres ali e o cara tinha que gostar justo dela, rapidamente se aproximou e derrubou cerveja no homem.

- Desculpe-me senhor, não tive a intenção.

- Droga, cara, olha o que você fez!

- Mil perdões senhor, pode tomar uma cerveja por conta da casa.

- Droga, droga, gritou o homem indo na direção do banheiro.

Emily sorriu, sabendo o verdadeiro motivo, gostaria até de ficar mais, mas seu dinheiro só dava para três cervejas, com tristeza no coração, pediu ao encantador loiro a conta, estava gostando daquele jogo de sedução, mas seu dinheiro já não lhe permitia continuar.

- Já vai? Ainda é cedo.

- Pois é, preciso acordar cedo para trabalhar. Poderia dizer a verdade e dizer estou sem dinheiro, estou completamente lisa, vou embora só por esse motivo, mas achou melhor omitir a verdade.

- Gostaria de dizer a você que estou muito feliz com sua presença, e por esse motivo, a senhorita não deve nada. Terminando a frase se assustou com tais palavras, mas estavam ditas, ansioso ficou esperando uma resposta.

- É assim mesmo, na cara?

- Como disse? Perguntou ele confuso e com a vergonha estampada no rosto.

- Você vai logo assim, sem rodeios, rápido nas palavras?

- Falei algo que não devia? Se sim, queira me desculpar, falou ele contrariado.

[cara de espanto] - Não, não, não disse nada, mas não posso aceitar, te agradeço, mas preciso ir.

Sua idiota, porque não aceitou, pensou ela percebendo o conflito formado em seus pensamentos, mas estava dito, levantou-se arrumando a roupa sob os olhares de alguns frequentadores, mas só um realmente importava, e este já estava novamente ocupado nos pedidos das pessoas.

Ele a olhava com certo desespero, vendo-a em pé, se arrumando para sair. Para onde ela iria? num rápido movimento pegou uma cerveja e colocou na frente dela: - aqui está a saideira.

- Mas eu não pedi, falou ela sorrindo e ao mesmo tempo fazendo conta se dava para pagar mais aquela cerveja, mas chegou rapidamente a uma conclusão de que não tinha dinheiro para mais aquela, poderia se oferecer para lavar uns pratos, mas era uma tola decisão, riu dos seus próprios pensamentos.

- Fique tranquila senhorita, é por conta da casa.

- Calma, por favor, falou ele para uma mulher que já se mostrava alcoolizada, querendo que ele lhe servisse uma dose de rum com limão.

- Preciso ir, por favor, aceite a cortesia da casa!

Fernando respirou aliviado quando ela se sentou novamente pegando a cerveja e sorriu agradecendo. Ele sumiu no meio das pessoas e a um passo de ficar louco, devido a vários pedidos ao mesmo tempo.

Emily reparou que algumas mulheres o olhavam, outras se insinuavam, e aquilo fazia brotar um ciúme sem razão, não tinha nada com ele, não entendia o motivo do ciúme, viu uma mulher entregar a ele um pedaço de papel que ele colocou no bolso, controlou-se para não se levantar e pegá-lo e devolver, talvez fazer ela engolir, riu da sua vontade não tinha direito algum para